

**XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA
“DESIGUALDADE, DIFERENÇA E RECONHECIMENTO”**

29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE)

**Grupo de Trabalho 03
Ciência, tecnologia e inovação social**

***A Autonomia Reflexiva e o
Fomento do CNPq à Pesquisa no Campo da Sociologia
(2000-2006)***

Autora: Tatiana de P. A. Maranhão

Instituição: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

tmaranhao@unb.br

A Autonomia Reflexiva e o Fomento do CNPq à Pesquisa no Campo da Sociologia (2000-2006)

Qual é a autonomia existente na ciência contemporânea? A questão da autonomia da Ciência e dos elementos que, de certa forma, participam de sua produção e sua construção ao longo da história mundial encontra-se latente e parcialmente discutida nas teorias sociológicas e nos estudos da Sociologia do Conhecimento. Com o objetivo de descobrir qual é a autonomia praticada na ciência contemporânea e, principalmente, na Sociologia brasileira, propõe-se uma tipologia da autonomia (Maranhão, 2005; Maranhão, 2006; Sobral & Maranhão, 2007), de acordo com as teorias sociológicas e contextos históricos em que se desenvolveram e se estabeleceram.

Num primeiro momento, Durkheim (2000; 2003), Parsons (1951), Shils (1956) e Merton (1957; 1968) compartilham a existência de uma *autonomia moral*, cujo foco central reside na importância do papel do cientista, enquanto postura ética, enquanto comportamento e atitude de desprendimento diante das condições e influências políticas, econômicas e sociais características de suas épocas. Esta autonomia moral consiste numa *obrigação moral do cientista de proteger o ethos científico e garantir, de algum modo, uma liberdade de ação em relação às crenças religiosas e políticas*.

Com as transformações ocorridas no âmbito de um processo civilizador (Elias, 1994b), houve questionamentos acerca da viabilidade e da consistência deste tipo de autonomia moral frente à diversidade de condições que se impunham sobre a prática científica em seu processo de constituição. Arendt (1958), Kuhn (1975), Habermas (1980; 1990), entre outros discutiram o fato da *permeabilidade do cientista às suas próprias convicções socializadas, à experiência e trajetória profissional, ao tempo-espaço e à cultura*. Somado a isso, havia a *heterogeneidade da sociedade, a transdisciplinaridade e a crença num progresso benéfico da ciência por meio de revoluções científicas*. Deste modo, a autonomia viável caracterizava-se por ser algo *relativo: uma autonomia relativa*, constantemente ameaçada, influenciada e mesmo distorcida pelas diversas condições da realidade que se colocavam à prática científica.

Entretanto, essa característica de *relatividade continuou a ser afirmada por diversos cientistas contemporâneos, embora a compreensão sobre como se faz ciência tenha sido bastante ampliada e, por vezes, desmistificada*. Apesar de se saber mais sobre *reconhecimento dos pares, credibilidade, lógica do acúmulo de capital intelectual e simbólico, controvérsias, redes sociais, habitus, competição e cooperação*, ainda não se havia recolocado o resultado das diversas transformações que ocorreram com a

autonomia da Ciência, ou seja, partia-se da *autonomia relativa como pressuposto da prática científica*.

Ocorre que, num modelo misto de desenvolvimento científico e tecnológico, que demonstra a imbricação entre demandas científicas propriamente ditas – oriundas do campo científico - e demandas de pesquisa científica, oriundas de interesses sociais, políticas e ou econômicos (Sobral & Trigueiro, 1994; Sobral, 2001; Freitas & Sobral, 2005; Sobral & Maranhão, 2007).

Assim, destaca-se a centralidade do conceito de *reflexividade* para compreender qual é o tipo de autonomia existente no campo científico contemporâneo, numa realidade brevemente caracterizada por:

- (a) Enfraquecimento da hegemonia das Universidades na produção do conhecimento, com uma aproximação dos interesses e demandas do mercado, do estado e da sociedade (Knorr-Cetina, 1981; Gibbons et al, 1993; Nowotny et al, 2001; Sobral, 2001);
- (b) Velocidade, complexidade e simultaneidade, trazidas com os avanços tecnológicos e com as redes técnicas mundializadas, alteraram as concepções de tempo e de espaço (Giddens, 1984; 1991; Castells, 2005; Baumgarten, 2006);
- (c) Solidariedade ligada à noção de socialização do conhecimento existente e à transformação dos problemas sociais em problemas sociológicos, em função de demandas sociais, governamentais e internacionais (Sobral & Trigueiro, 1994; Freitas & Sobral, 2005);
- (d) Tendências progressivas de ação social nas relações fluidas entre distribuidores, produtores, consumidores de conhecimento em diferentes campos que se interpenetram (Castells, 1999; Beck et al, 2003).

Nesse contexto, existem evidências de que a ciência se tornou *invasiva e invadida* (Thorlindsson & Vilhjalmsson, 2003, p.99-100), e entender a lógica da autonomia do campo científico torna-se fundamental para a Sociologia. Sendo assim, diante desse contexto de interdependência dinâmica (Elias, 1994, pp.18-23), como surge a noção de *reflexividade*? Qual é a origem do significado sociológico de *reflexividade*? “A reflexão, com efeito, é anterior à ciência: esta se limita a servir-se dela com mais método” (Durkheim, 2003, p.42), ou seja, torna-se *reflexão científica orientada para a prática*.

Porém, não se trata de um retorno interior, íntimo da pessoa privada do sociólogo; não é a observação relativizada do observador que fazem alguns antropólogos (Lynch, 2000); não é a modernização da modernidade¹ (Beck et al, 2003). Trata-se de um “efeito

¹ Parece existir entre eles uma crença otimista na capacidade supostamente homogênea de indivíduos e coletividades de exercerem a reflexão e de compartilharem as práticas da

de espelho permanente”, em que a sociologia se submete ela mesma ao rigor científico, “para controlá-la e reforçá-la” (Bourdieu, 2001, p.15), “ato antinarcisista, (...) sem charme e um pouco triste” (Bourdieu & Wacquant, 1992, pp.51-52).

A reflexividade cuja origem se estabelece na prática de um *Homo academicus* (Bourdieu, 1984) torna-se apropriada como constructo para a compreensão de como se faz ciência. *De fato, ocorre que a produção do conhecimento científico encontra-se no campo científico, cuja práxis, entretanto, é permeada pelas condições materiais, econômicas, políticas, sociais e cognitivas que atravessam as redes de atores que formam esse campo, e, concomitantemente, ocupam diversas posições neste e em outros campos de poder.* Assim, não se trata apenas das condições da própria produção individual, mas do conjunto de intelectuais e suas equipes de pesquisa trabalhando, os dominantes, os dominados e não articulados às diferentes redes, as associações nacionais e internacionais, as orientações de dissertações e teses, as bolsas de produtividade, de dedicação exclusiva e, sobretudo, como ocorre o financiamento de pesquisas. São as condições próprias da práxis da ciência e que correspondem à complexidade da realidade em que ela se dá (Bourdieu & Wacquant, 1992, p.50).

A partir da reflexividade e dos tipos de autonomia moral e autonomia relativa, construiu-se o conceito de *autonomia reflexiva*: “a produção consciente do conhecimento num certo campo científico, estabelecido nas relações complexas entre atores e condições sócio-cognitivas e político-institucionais, para além dos limites estabelecidos na práxis” (Maranhão, 2005, p.6).

“Atualmente, embora o exercício da vigilância e da prudência epistemológica, que fortalece a reflexividade, origine-se no indivíduo, a *autonomia reflexiva é característica dinâmica do próprio campo científico, que ocorre fundamentalmente na práxis, no âmbito do conjunto de atores que se relacionam entre si, com as estruturas, e com as condições sociais passadas, presentes e futuras.* Ou seja, a autonomia reflexiva está nas relações entre determinadas condições sociais (contexto, regras e normas) e diversos atores (individuais e coletivos) que decidem participar do *duplo processo de exteriorização do interior, porém, de modo mais intenso, e de interiorização do exterior, da forma mais crítica possível.*” (Sobral & Maranhão, 2007, p.4).

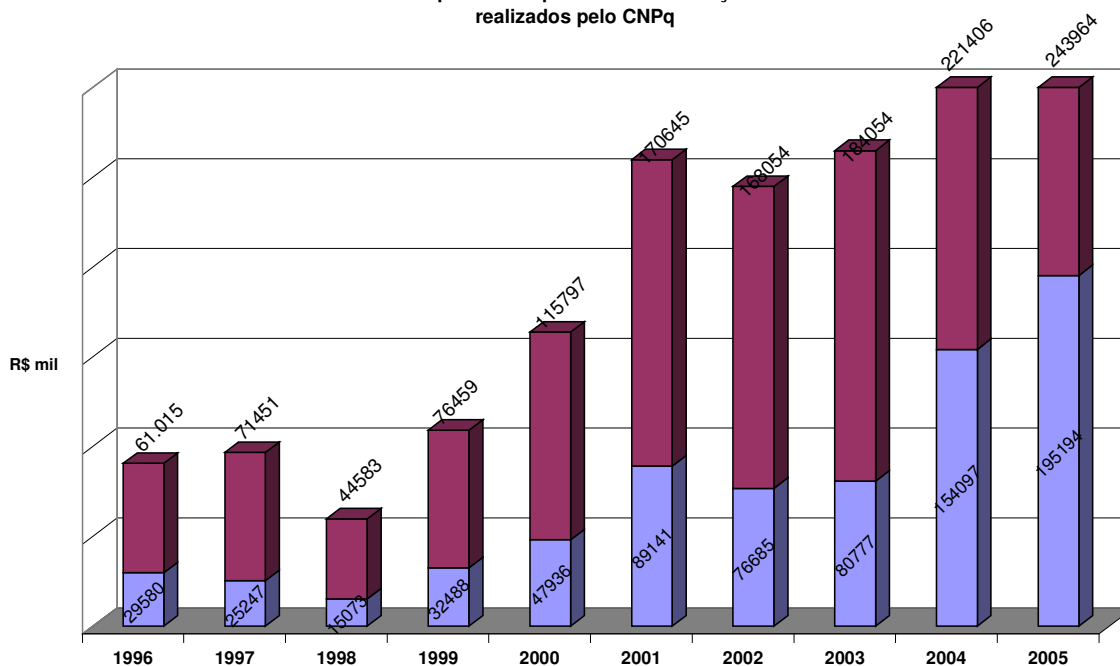
modernização reflexiva, quando, de fato, as condições materiais de existência e a rigidez da tradição e das estruturas variam nas diferentes culturas, apesar da interação e disseminação de valores hegemônicos no processo de globalização. Ter acesso a informações, a outros mundos, encontrar fronteiras significam coisas extremamente diferentes para os diversos grupos de acordo com os valores culturais e as condições materiais em que se inserem, da qual participam, que os forma e na qual interferem, em menor proporção do que as coletividades.

Características do fomento público federal à pesquisa

De acordo com dados do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica - CNPq, os investimentos do Fomento à Pesquisa classificam-se em treze modalidades (1996-2005): *Auxílio Pesquisa – APQ*, *Apoio a Núcleos de Excelência – NEX*, *Promoção de Eventos Científicos – ARC*, *Apoio ao Desenvolvimento C&T – ACT*, *Apoio a Publicações Científicas – AED*, *Participação em Eventos Científicos – AVG*, *Apoio à Competitividade e Difusão Tecnológica – CDT*, seis tipos de *Auxílio (ASP, AEV, APV, AEP, APC)* operado pelo sistema de fluxo contínuo, e *Outros Investimentos*.

De 1996 a 2005, verificou-se que os investimentos realizados no *Auxílio Pesquisa – APQ* superaram o recebido pelas demais modalidades em relação ao total investido no fomento à pesquisa pelo CNPq, com ampliação crescente² (GRÁF.1). Ao contrário, a modalidade *outros investimentos* diminuiu significativamente a partir de 2004.

Gráfico 1 - Investimentos em Apoio à Pesquisa - APQ em relação ao Total de Investimentos realizados pelo CNPq



Ao desagregarmos os dados do fomento à pesquisa por *Grande Área do Conhecimento*, de 1998 a 2005, pode-se observar a variação anual dos investimentos nas Ciências Humanas em relação às demais: apesar de ter havido um crescimento absoluto

² Uma análise da Tabela 1.3.5. CNPq – Fomento à pesquisa: investimento segundo grande área e modalidade – 1998-2005, disponível em http://www.cnpq.br/estatisticas/docs/pdf/tab_1.3.5.pdf evidencia que este comportamento de distribuição dos valores por modalidade ocorre também dentro das grandes áreas.

nos valores investidos nessa área ao longo dos anos, ele permanece proporcionalmente menor do que aqueles nas demais grandes áreas.

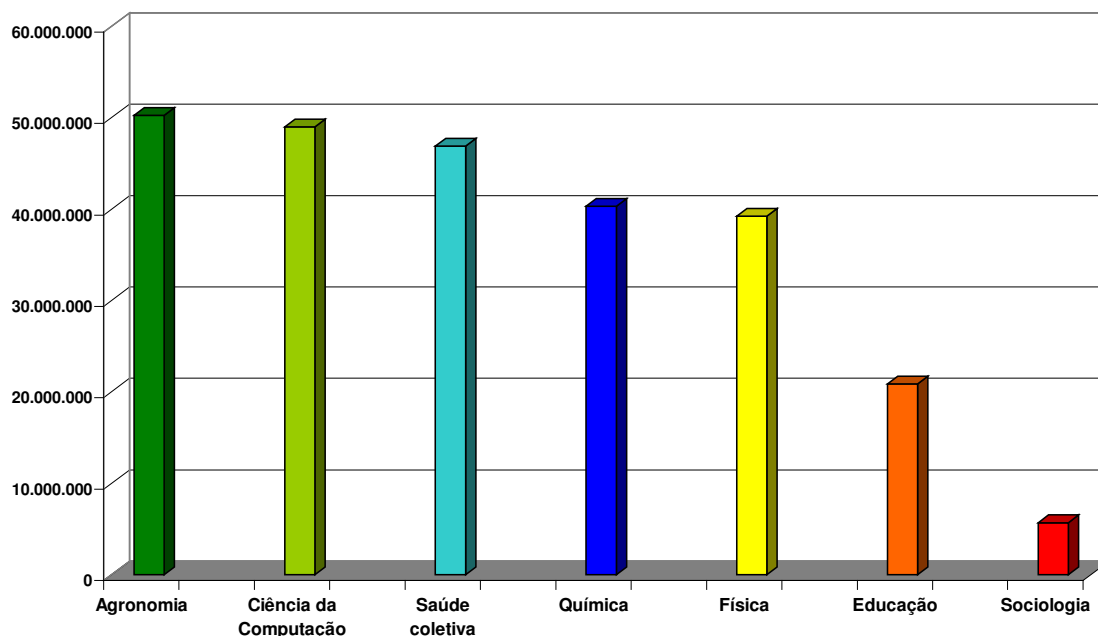
Tabela 1 - Investimentos realizados no Fomento à Pesquisa segundo grandes áreas do conhecimento (1997-2005)

Grande Área	Investimento anual (%)							
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Ciências da Natureza	12119 27,18%	18670 24,42%	40136 34,66%	69414 40,68%	48741 29,00%	41537 22,51%	80418 36,32%	90524 37,11%
Ciências da Vida	12.649 28,37%	23576 30,84%	44.408,00 38,35%	53615 31,42%	44360 26,39%	59426 32,20%	73579 33,23%	105068 43,07%
Humanidades	6.506 14,59%	7636 9,99%	11.964,00 10,33%	17180 10,07%	17282 10,28%	16619 9,01%	20710 9,35%	24539 10,06%
Outros investimentos	13.309 29,85%	26576 34,76%	19.289,00 16,66%	140209 82,16%	110382 65,68%	117582 63,72%	174707 78,91%	220131 90,23%
Total Investimentos (R\$ mil)	44583,00	76457,00	115797,00	170646,00	168064,00	184536,00	221406,00	243964,00

Fonte: CNPq, 2007 (Adaptado da Tabela 1.3.2)

De acordo com a mesma fonte de dados (CNPq, 2007), compararam-se os projetos apoiados naquelas áreas do conhecimento que, entre 2000 e 2006, apresentaram o maior número de projetos dentre as demais. Ou seja, quais áreas lideraram um *ranking de projetos apoiados num determinado ano, vis-à-vis* a situação da Sociologia? Fez-se tal comparação com o intuito de (a) evidenciar a variação nos investimentos recebidos pelo total de projetos em diferentes áreas (GRÁF.2);

Gráfico 2 - Total de Investimentos CNPq por Área do Conhecimento em Reais (2000-2006)



(b) evidenciar o baixo número de projetos apoiados e de investimentos recebidos na Sociologia, entre 2000 e 2006³ (TAB.2).

Tabela 2 - Total de Projetos Apoiados e Investimentos CNPq (2000-2006)

Áreas do Conhecimento	Investimento (R\$)	No. Proj	Média proj.(R\$)
Agronomia	50.271.006	1194	42.103,02
Ciência da Computação	49.002.150	882	55.557,99
Saúde coletiva	46.928.836	684	68.609,41
Química	40.307.045	1105	36.476,96
Física	39.215.680	883	44.411,87
Educação	20.869.240	743	28.087,81
Sociologia	5.692.945	242	23.524,57

Fonte: CNPq, 2007 (Adaptado da Tabela 1.4.4 em)

Observa-se a discrepância entre o total de projetos fomentados na Sociologia quando comparada com a Educação, que é da mesma grande área do conhecimento, e com a Saúde Coletiva. Verifica-se que as últimas obtiveram um aumento na quantidade de projetos, que ultrapassou a barreira dos 100 e 50 projetos fomentados a partir de 2002, respectivamente (Maranhão, 2006).

Além disso, em todo o período, a Física, a Química, a Agronomia e a Ciência da Computação apresentaram mais projetos de pesquisa *fomentados* do que a Sociologia. Note-se que a Tabela 1 não apresenta o número de projetos *recebidos pelo CNPq como propostas, mas apenas aqueles que foram efetivamente financiados*. Sem essa informação, que não está disponível no endereço eletrônico e que não foi possível obter junto à equipe de Informática daquele órgão, até o presente momento, tornou-se inviável analisar a proporção de projetos apoiados em relação à demanda das áreas.

Embora a Agronomia tenha sido a área do conhecimento que obteve mais projetos apoiados (1194) e recebeu mais investimentos (50,27 milhões de Reais) com relação ao Fomento à Pesquisa no CNPq (vide TAB.2), a Saúde Coletiva apresentou a média de valor por projeto mais alta entre as áreas analisadas (68,6 mil Reais). Sabe-se que a Saúde Coletiva recebeu, em 2004 e 2005, investimentos do Fomento à Pesquisa designados como *Estratégicos*, para 22 e 23 projetos, com recursos da ordem de 7,0 e 5,0 milhões de Reais, respectivamente (CNPq, 2007).

³ De acordo com as informações disponíveis no sitio até abril de 2007, vide

O que explica tais variações entre as áreas do conhecimento? Embora não seja possível responder a esta pergunta sem uma investigação sistemática, científica sobre as semelhanças e diferenças entre as pesquisas realizadas nas diferentes áreas, pode-se deduzir algo sobre o uso de equipamentos sofisticados e de alto custo, como microscópios eletrônicos e substâncias de alta periculosidade. Apesar disso, a realização de estudos sociológicos sobre a percepção de respondentes, com base numa amostra aleatória mínima de 1500 indivíduos, é completamente inviável com financiamentos médios por projeto em torno de 23,5 mil Reais. Até que ponto os grupos de pesquisa percebem essa realidade restritiva e procuram adequar seus desenhos metodológicos aos recursos *disponíveis para a Sociologia*?

Ao se analisar o Fomento à Pesquisa na Sociologia nesse período, percebe-se a distribuição de investimentos e de temas entre as quinze instituições científicas e tecnológicas que mais recursos receberam (Quadro 1):

Quadro 1 - Ranking das 15 Pesquisas com Maior Investimento do CNPq e seus respectivos Títulos (2000- 2006)

N	Instituição	Inv. Total (%)	Título dos Projetos de Pesquisa
1	IUPERJ	24,25	A Dimensão Social Das Desigualdades: Sistema de Indicadores de Estratificação e Mobilidade Social (1)
2	UECE	13,72	Programa de Ensino e Pesquisa em Ciências Sociais - IUPERJ/UECE (Peocs) (2)
3	UERJ	12,41	A Complexidade da Violência: Determinantes e Consequências (6)
4	UNICAMP	12,05	Redistribuição da População e Meio Ambiente (4)
5	UNB	6,42	O Fomento A Pesquisa Pelo Cnpq E Os Programas Tematicos Prioritarios Do Ppa Mct (2)
6	UFPE	4,63	Cidadania, Dádiva e Redes Sócio-Humanas no Campo da Saúde (1).
7	UFRJ	3,43	Virus De Febre De Nilo Ocidental: Diagnostico Rapido No Campo Por Rt-Pcr "Real-Time" (1)
8	UFPR	3,41	Redes Locais de Abastecimento Alimentar: Estratégia de Promoção da Agricultura Familiar Aliadas a Superação do Risco à Insegurança Alimentar e Nutricional em Populações Urbanas de Baixa Renda (1).
9	UFMG	3,21	Avaliação dos Resultados de Ação de Prevenção à Criminalidade (2)
10	EMBRAPA	3,14	Segurança Alimentar e Cidadania: A Contribuição da Agricultura Urbana na Saúde Alimentar Comunitária em Corumbá e Ladário, Mato Grosso do Sul (1)
11	VIVA RIO	2,93	A Favela Tem Memória (1)
12	UFMG	2,76	Desigualdades Sociais, Qualidade de Vida e Participação Política na Grande Belo Horizonte: um Módulo Básico em Ciências Sociais para Apreensão da Mudança por Análise Longitudinal (1)
13	UFMG	2,74	Múltiplas Temporalidades de Referência do Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado (1)
14	UFPE	2,55	Juventude Rural: Vida no campo e projetos para o futuro (2)
15	EMBRAPA	2,33	Capacitação solidária para a conservação dos remanescentes de Mangabeiras pelas populações tradicionais no estado do Sergipe (1)

Fonte: Maranhão, 2006, p.16.

Considerando que o fomento público a C&T no País ainda é insuficiente perante a multiplicidade de grupos de pesquisadores no campo da Sociologia⁴ e frente à fragmentação temática no campo, *a elaboração de critérios transparentes na distribuição dos recursos escassos e a definição de prioridades temáticas de pesquisa* por parte da comunidade científica tornam-se importantes, refletindo, também, certas demandas da sociedade⁵.

Ademais, destaca-se que, entre os 15 projetos com maior financiamento, os *títulos dos mesmos indicam 4 grupos temáticos priorizados*: (1) 6 pesquisas com foco em *desigualdade social, mobilidade social, estratificação social e/ou participação política*; (2) 3 outras sobre a relação entre a *sociedade, o meio ambiente e/ou a agricultura*; (3) 3 delas enfocaram as *pesquisas científicas e o fomento em diversas áreas do conhecimento*; e (4) 3 pesquisas abordaram o tema da *violência*.

Resultados obtidos

O que explica o baixo número de projetos e valores fomentados pelo CNPq na área da Sociologia? E como ocorreu a escolha dos projetos apoiados nessa situação de escassez de investimentos? Por que isso ocorre? Ao longo dessa pesquisa, tem-se procurado obter dados fidedignos a respeito das prioridades de investimento desse órgão.

De acordo com as evidências obtidas até o momento, uma parte da explicação considera o conjunto de temas abordados ao longo do período nas pesquisas financiadas pelo CNPq. Quais foram os principais temas abordados nas 15 pesquisas mais fomentadas pelo CNPq? *Desigualdade social, mobilidade social, estratificação social e/ou participação política; sociedade, meio ambiente e/ou agricultura; pesquisas científicas e o fomento em diversas áreas do conhecimento; complexidade da violência e identidade*. De certa forma, todos se relacionam a *problemas sociais reais, transformados em problemas sociológicos*. Assim, o fato de as pesquisas tratarem de questões candentes da sociedade brasileira sem que haja definição de prioridades temáticas pelos órgãos do fomento revela a existência de autonomia reflexiva no campo científico (Sobral & Maranhão, 2007). A possibilidade de tal *retradução* da demanda social já havia sido antecipada em artigos e

⁴ Segundo a súmula estatística do Lattes, existiam 296 grupos de pesquisa na Sociologia em 2004 (http://dgp.cnpq.br/censo2004/sumula_estat/index_grupo.htm).

⁵ Admite-se ser necessário obter acesso a essas pesquisas para melhor caracterizar suas temáticas, mas para efeito deste trabalho de pesquisa exploratória, houve um avanço nesse sentido.

livros anteriores a este estudo, sobre *violência, o meio ambiente, o fomento à pesquisa* (Sztompka, 1998; Reis, Reis & Velho, 1997; Nowotny, Scott & Gibbons, 2001; Sobral, 2006).

Outra possibilidade de explicação refere-se necessariamente à composição, ao longo do tempo, dos Comitês de Assessoramento e do Comitê Consultivo do CNPq, bem como de suas decisões e análises sobre as propostas apresentadas para financiamento. Entretanto, de acordo com um técnico do CNPq⁶, ligados ao Comitê que analisa os projetos das Humanidades, dificilmente se conseguirá acesso às suas Atas de Reunião.

Portanto, apesar dos Comitês do CNPq serem constituídos por *pares*, há que se considerar o perfil da *comunidade* científica, bem como as condições e a lógica que permeiam a produção do conhecimento nas Ciências Sociais. Destacam-se as desigualdades existentes entre as pessoas e suas possibilidades de interferir nas práticas sociais, sobretudo devido às posições que ocupam e às condições que as restringem, ou, em última instância, o grau de poder simbólico que possuem num determinado momento (Bourdieu, 2000; 2004).

Por sua vez, a comunidade científica é composta por um conjunto de cientistas de diferentes áreas do conhecimento, em diferentes países, que compartilham, discutem e concorrem enquanto produzem conhecimento científico e capital simbólico. Tal comunidade é chamada de coletividade por Baumgarten (2004) porque é heterogênea nesse campo: seja em relação aos temas objetos de pesquisa, seja em relação às posições hierárquicas que ocupam nas instituições em que atuam, seja em relação à distinção, à consagração e à dominação (Bourdieu, 1980; 1984; 1997; 2003; 2005). De fato, consiste num “*lócus* de interação de cientistas e entre esses e outros atores sociais presentes na investigação científica” (Baumgarten, 2004, p.2).

Então, o que compartilham? Podem compartilhar um habitus, formado por regras explícitas e convenções implícitas que compõem o imaginário coletivo e que regulam os fluxos multidimensionais de informações no campo. Além disso, a *doxa*⁷ em cada um

⁶ Esta pesquisadora procura constantemente atualizar suas bases de dados e obter estatísticas com recortes específicos no CNPq, para fins exclusivamente científicos. Porém, em diferentes ocasiões e telefones, recebeu opiniões de um técnico, que prefere permanecer incógnito, sobre a dificuldade de acesso às Atas de Reunião dos Comitês de Assessoramento, tanto em relação à liberação das informações, como devido à organização dos arquivos.

⁷ Termo grego para *opinião compartilhada*, aparentemente sem fundamentação, favorecida pelo senso comum que, de acordo com Bourdieu, significa “um ponto de vista particular, o ponto de vista dos dominantes, que se apresenta e se impõe como ponto de vista universal; o ponto de vista daqueles que dominam um Estado dominante e que constituem seu ponto de vista em ponto de vista universal ao forjarem o Estado” (tradução nossa) (Bourdieu, 1994, p.129).

deles compõe-se por uma miríade de fatores: origem sócio-econômica, cultura e formação intelectual, heranças familiares, tradições institucionais. Do mesmo modo, encontram-se fortemente ligados à história e à formação do campo científico naquele local – país, em que a probabilidade de acúmulo e reprodução de capital simbólico e reconversões – também podem ser favorecidas pela reprodução da dominação institucional e familiar.

Nos sistemas de avaliação da pós-graduação e da pesquisa, construídos e compostos por pares dessa comunidade ou coletividade, comissões editoriais das revistas e os artigos que publicam, comitês de assessoramento que selecionam projetos a serem financiados, em todos esses espaços é possível observar que existem *personagens repetidos. Eles acumulam posições de capital político, econômico e simbólico dentro do campo científico e em outros campos, distinguindo-se dos demais. Portanto, entre desiguais pode-se esperar o mesmo poder de ação? Quais são as condições presentes no processo decisório desses Comitês que podem, de determinado modo, influenciar os resultados em prol da competição ou da cooperação para realização das propostas apresentadas pela coletividade científica?*

Tais questões continuarão a nortear a presente pesquisa científica sobre a autonomia reflexiva no campo da Sociologia.

Considerações finais

Cientistas e intelectuais são dominados e dominantes dentro do campo científico e em outros campos em que atuam, constituindo um grupo não homogêneo. Entre eles, há lutas por hegemonia (Sobral, 2001), por acúmulo de capital científico e simbólico (Bourdieu, 2000; 2004), por ampliação do ciclo de credibilidade (Latour e Woolgar, 1997; Latour, 2001), por consagração e reconhecimento (Bourdieu, 1984; 2001). Porém, também existem sentimentos de pertencimento em relação à profissão – como professor, como intelectual, como pesquisador, interesses relacionados à vocação (Weber, 2004) para docência e ou pesquisa, valores sobre a educação e a transformação pedagógica, laços familiares e afetivos.

Uma consideração central é a *questão da desigualdade do potencial de ação entre os diferentes atores, tanto em relação ao posicionamento frente à realidade (os diferentes pesos de quem fala e o conteúdo desse discurso pela posição social que ocupa), como no que se refere à possibilidade de transformação dessa realidade desigual. A capacidade de praticar e incorporar a reflexividade varia entre indivíduos, grupos, países, culturas.*

Para Bourdieu (2001) e Wacquant (2002), apenas a sociologia da sociologia viabiliza a reflexividade e pode libertar os intelectuais de sua ilusão – de objetividade e imparcialidade totais, da ausência de estratégias de posicionamento nos campos, e arma-os cientificamente para revelarem *a violência simbólica e a reprodução da dominação e da distinção*, desconhecidas ou não reconhecidas, porém sofridas pela maioria dos pesquisadores.

Desse modo, a autonomia reflexiva constitui-se de processos de análise científica, cooperação e ação coordenada, quando se vislumbram ou se criam oportunidades para ampliar o poder simbólico dos não-dominantes. Finalmente, torna-se imprescindível investigar cientificamente, com rigor e precisão, por que e como se desenham as redes sociais dentro do campo sociológico que viabilizam o financiamento da pesquisa no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ARENDT, Hannah. 1958. *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press.
- BAUMGARTEN, Maíra. 2004. “Ciência e Tecnologia no Brasil: disparidades regionais e sustentabilidade”, in <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel44/MairaBaumgarten.pdf>
- BECK, Ulrich. 1992. *Risk society*. Londres: Sage.
- BECK, Ulrich, BONSS, Wolfgang & LAU, Christoph. 2003. “The Theory of Reflexive Moderization: problematic, hypotheses and research programme”, in *Theory, Culture and Society*, vol.20, nº 2, pp.1-33.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony & LASH, Scott 1997. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP.
- BOURDIEU, Pierre. 1980. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Cambridge: Harvard University Press.
- _____. 1984. *Homo academicus*. Paris: Les Éditions de Minuit
- _____. 1996. *As Regras da Arte*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- _____. 1997. *Méditations pascaliennes*. Paris, Éditions du Seuil.
- _____. 2000. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. 2001. *Science de la Science et Réflexivité*. Paris, Raisons D’Agir Éditions.
- _____. 2003. *Os Usos Sociais da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP.
- _____. 2004. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. 2005. *Razões Práticas*. Campinas: Papyrus.
- BOURDIEU, P. & WACQUANT, L.J.D. 1992. *Réponses- Pour une Anthopologie Réflexive*. Paris: Ed. Du Seuil.

- BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, J.C. & PASSERON, J.C. 2004. *O Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- CASTELLS, Manuel. 1999. *A Era da Informação*. São Paulo: Paz e Terra.
- _____. 2005. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq. (2007), *Estatísticas e Dados*, in
- DURKHEIM, Émile. 2002. *Lições de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 2003. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martin Claret.
- ELIAS, Norbert. 1994^a. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 1994b. *O Processo Civilizador*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 2000. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FREITAS, Christiana & SOBRAL, Fernanda. 2005. "A Influência das Agendas Governamentais na Produção Multidisciplinar de Conhecimento", in *LIINC*, vol. 1, nº 1, disponível em http://www.liinc.ufrj.br/revista/revista_um/index_revista_um.html
- GIBBONS, Michael et al. 1993. *The New Production of Knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies*. London: SAGE.
- GIDDENS, Anthony. 1976. *New rules of sociological method*. Londres: Hutchinson.
- _____. 1979. *Central Problems in Social Theory*. London: Macmillan.
- _____. 1984. *Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 1991. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- HABERMAS, Jurgen. 1980. "Ciência e Técnica como Ideologia", in *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. 1990. *La Lógica de las Ciencias Sociales*. 2ª ed. Madrid: Editorial Tecnos.
- KNORR-CETINA, Karen. 1981. *The Manufacture of Knowledge*. Oxford: Perzaman Press.
- KUNH, T. 1975. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- NOWOTNY, Helga, SCOTT, Peter & GIBBONS, Michael. 2001. *Re-Thinking Science: knowledge and the public in an age of uncertainty*. Cambridge: Polity Press.
- LATOUR, Bruno. 2000. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP.
- _____. 2001. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo: EDUSC.
- LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. 1997. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- LYNCH, Michael. 2000. "Against Reflexivity as an Academic Virtue and Source of Privileged Knowledge", in *Theory, Culture and Society*, vol. 17, nº 3, pp.26-54.
- MARANHÃO, Tatiana de P. A . 2005. *A Autonomia Reflexiva e a Ciência Brasileira (2000-2006)*. Mimeografado. Brasília: Departamento de Sociologia,.

- MERTON, Robert K. 1957. "Priorities in Scientific Discovery: a chapter in the sociology of science", in *American Sociological Review*, vol. 22, pp.635-659.
- _____. 1968. *Sociologia: Ideologia e Estrutura*. São Paulo: Mestre Jou.
- PARSONS, Talcott. 1951. *The Social System*. New York: the Free Press of Glencoe.
- REIS, Elisa P., REIS, Fábio W. & VELHO, Gilberto. 1997. "As Ciências Sociais nos Últimos 20 Anos: três perspectivas", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.12, n. 35, pp.1-24.
- SHILS, Edward. 1956. *The Torment of Secrecy: the background and consequences of american security policies*. New York: the Free Press of Glenop.
- SOBRAL, Fernanda. 2001. "Desafios das ciências sociais no desenvolvimento científico-tecnológico contemporâneo", in *Sociologias*, ano 6, no. 11, pp. 220-237.
- _____. 2004. "Desafios das ciências sociais no desenvolvimento científico-tecnológico contemporâneo", in *Sociologias*, Ano 6, n. 11, jan/jun, pp. 220-237.
- _____. 2005. "A Economia e a Física no Brasil: campos científicos ou transcienceiros?", in Baumgarten, Maíra (org). *A Era do Conhecimento: matrix ou ágora*. Brasília: Editora da UNB.
- _____. & MARANHÃO, Tatiana de P.A.2007. "A Autonomia Reflexiva no Campo da Sociologia (2000-2006). Capítulo no prelo. Mimeografado. Brasília, 2007, pp.1-18.
- _____. & TRIGUEIRO, Michelangelo. 1994. "Limites e potencialidades da base técnico-científica", in FERNANDES, Ana Maria & SOBRAL, Fernanda. (Orgs.). *Colapso da Ciência & Tecnologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, pp. 71 - 100.
- SZTOMPKA, Piotr. 1998. *A Sociologia da Mudança Social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- THORLINDSSON, Thorolfur & VILHJALMSSON, Runar. 2003. "Introduction to the Special Issue: Science, Knowledge and Society", in *Acta Sociologica*, Vol. 46, no. 2, pp. 99-105.
- WACQUANT. Loïc. 2002. 'O Legado Sociológico de Pierre Bourdieu', in *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, vol.9, pp.95-110.
- WEBER, Max. 1991. *Economia e Sociedade*. Vol.I. Brasília: Editora da UnB.
- _____. 2004. *Ciência e Política – Duas Vocações*. São Paulo: Cultrix.